

OUTSIDERS: OS PERSONAGENS DE JOÃO GILBERTO NOLL E BERNARDO CARVALHO

Carlos Henrique Vieira *

Resumo:

Diferentes escritores contemporâneos têm utilizado como personagens centrais de suas narrativas os *outsiders*. Os *outsiders* são aqueles renegados e estigmatizados como inferiores, que manifestam um comportamento desviante do apresentado por um grupo estabelecido e que conseqüentemente ocupam as margens de grandes cidades, da ordem social ou do meio cultural. Nas narrativas de João Gilberto Noll e Bernardo Carvalho, recorrentemente, encontramos personagens deslocados, que aparecem cercados pelo desajuste e pela inadequação. Pretendemos, nesse trabalho, analisar as circunstâncias e características que permitem entender tanto o narrador-personagem de *Lorde* (2004) quanto os personagens centrais, Ruslan e Andrei, de *O filho da mãe* (2009) como *outsiders*, destacando, ainda, as semelhanças e aproximações existentes entre essas duas obras de dois dos mais ativos e reconhecidos autores de nossa produção literária atual.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; Bernardo Carvalho; outsiders; marginalidade.

Analisando a produção literária de João Gilberto Noll e Bernardo Carvalho podemos notar que os autores não excluem de sua literatura a temática da violência e exclusão social nas grandes cidades que caracterizou a literatura brasileira a partir da década de 1960;¹ mas a abordam de um viés subjetivo e tocam em questões problemáticas da pós-modernidade, como, por exemplo, a fragmentação da identidade individual, sexual e nacional.

Já adianto que as personagens de Noll e Carvalho não são os excluídos sociais típicos dos romances urbano das décadas de 1960 e 1970, como por exemplo, os moradores de favelas, bandidos, delinquentes e prostitutas, mas escritores frustrados ou fracassados, imigrantes, viajantes sem destino, homossexuais. São personagens à deriva sobre as quais recaem características, como a inadequação, a sensação de não pertencimento e a solidão. Sendo justamente tais características que por um lado conduz essas personagens à marginalidade e por outro nos permite entendê-las como *outsiders*.

* Graduando em Letras na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: carlos.h.vieira@gmail.com

¹ A violência, a exclusão e a desigualdade social dos grandes centros urbanos marcam tematicamente a literatura brasileira a partir da década de 1960. O romance urbano deste período (sobretudo, das décadas de 1960 e 1970), é caracterizado “pelos descrições e recriações da violência social, entre bandidos, prostitutas, leões-de-chácara, policiais corruptos e mendigos” (Schollhammer, 2008:63); e têm em escritores, como Rubem Fonseca e Sérgio Sant’Anna dois de seus maiores representantes.

Outsiders: desajuste e não pertencimento

Segundo Howard Becker (2008), a existência de todos os grupos sociais está baseada em regras que em determinado momento são impostas. No entanto, costumeiramente, essas regras não são aplicáveis ou seguidas por todos os membros de uma coletividade, encontrando assim aqueles que são desviantes do padrão esperado. Logo, aquela pessoa que infringiu a regra é “vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider” (Becker, 2008, p. 15).

Em toda exclusão ou rotulação há a aplicação de um juízo de valor; assim, na oposição entre os outsiders e os pertencentes dos grupos estabelecidos ou “establishment”, termo de Elias e Scotson (2000), os primeiros são vistos como, diferentes, estranhos e em certos casos representam, ainda, uma ameaça aos segundos; que são, na maioria das vezes, vistos como superiores, normais, e considerados a “boa sociedade”.

Ao utilizarmos o termo *outsider*, estamos nos referindo aos desajustados que lidam com a inadequação à sociedade na qual estão inseridos, constituindo, assim, as minorias estigmatizadas que aparecem, sobretudo, às margens dos grandes centros urbanos.

Mas quem são os *outsiders* das narrativas de Noll e Carvalho?

Lorde: em busca de uma identidade estabelecida

Em *Lorde* (2004), o protagonista e narrador do romance é a figura na qual podemos reconhecer algumas das características de um outsider. Ele é um homem de meia idade, um escritor, com sete romances já publicados, que vive precariamente em Porto Alegre, até receber um incerto e misterioso convite para ir a Londres. E aceita, pois não havia nada, nem ninguém, que o fizesse pensar em permanecer na cidade brasileira.

O motivo da viagem é incerto, não é esclarecida que “missão” o escritor-personagem fora realizar em Londres, ou, quem estava por trás do inglês que lhe enviara as passagens. No entanto, podemos observar desde o princípio que o aceite da personagem deve-se mais a sua aversão a Porto Alegre, que uma atração pela capital inglesa. Há, sobretudo, a fuga de uma vida precária e solitária, que o impulsiona a deslocar-se.

Em Londres o escritor-personagem torna-se uma figura desterritorializada. E, a partir de então começa a sua difícil empreitada na tentativa de encontrar um lugar naquela

outra cidade, de ocupar uma casa desconhecida, e por fim, de adquirir uma outra identidade.

A partir do momento que manifesta o desejo por essa outra identidade, o escritor lança mão de recursos artificiais, como pó compacto e tintura para o cabelo; praticamente travestindo-se naquilo que desejava ser: um londrino. Tenta apagar não só da memória, mas também do corpo qualquer traço ou resquício de sua origem brasileira.

No entanto, não é simples apagar o passado, para isso seria necessário nascer de novo. Logo, a súbita doença do escritor, pode ser explicada pela necessidade de renascimento: “Naquela cama eu como que nascia de novo. Que não me perguntassem pelo passado, por outras nacionalidades, por nada mais” (Noll, 2004, p. 74).

Porém, a tentativa de tornar-se parte integrante de Londres é, invariavelmente, frustrada. Tal fato pode ser ratificado pela errância solitária do narrador-personagem e a consequente identificação com os excluídos da cidade inglesa que perambulam solitários pelos subúrbios londrinos.

Tal identificação com os desabrigados que dormem a beira do Tâmis antecipa a condição que o escritor-personagem enfrenta a partir do suicídio do inglês: sem dinheiro, moradia ou destino. Sozinho ele vaga pelas ruas londrinas até que num quarteirão de Bloomsbury² se dá conta do seu novo fracasso.

Sem sequer cogitar voltar para Porto Alegre, segue em frente. E, para que isso seja possível, não há outro meio que não o ilícito; logo, a marginalização do escritor-personagem atinge seu extremo, ele entra numa estação de trem, escolhe uma vítima, um homem bem vestido, e roubar-lhe a carteira. O dinheiro do furto lhe permite pegar um trem para Liverpool e hospedar-se num Hotel.

Desde a sua chegada a Londres, o escritor buscara, sem sucesso, um companheiro para a sua jornada. A princípio, o inglês representa este possível companheiro, e ainda, Mark, um professor de Estudos Latino-Americanos, de quem o escritor foge diante da possibilidade de envolvimento. Mas apenas em Liverpool, quando conhece George, um ex-funcionário do porto da cidade, o escritor encontra uma solidão igual a sua e acredita ter encontrado o seu homem.³

² Área do centro de Londres que na primeira metade do século XX tornou-se conhecida pelo “Grupo de Bloomsbury”, que reuniu nomes, como Virginia Woolf, E. M. Forster e Lytton Strachey, Desmond MacCarthy, Clive Bell e Leonard Woolf.

³ “Eu tinha encontrado a cidade, o meu lar, o meu homem” (id., p. 106)

E com este homem ele divide a nudez do corpo já “maduro *in extremis*” (id., p. 47). E, ao despertar na manhã seguinte, quando volta a se colocar diante de um espelho, estranhamente, é o corpo de George que enxerga. “Qual dos dois de fato vingaria?” (id., p. 110) torna-se mais uma das perguntas sem respostas.

Contudo, podemos supor que caso o escritor assumira não só o corpo de George, mas também a sua identidade, por um lado experimentaria uma vida que nunca fora sua, mas, por outro, voltaria a vivenciar a mesma solidão e precariedade que havia abandonado ao deixar Porto Alegre.

Por outro lado, caso a identidade do escritor brasileiro se sobreponha à identidade original daquele corpo, ele voltaria a empreender uma busca por um lugar naquela cidade, na qual não deixa de ser um estranho. Ou seja, não há solução, apesar de o desejo e da busca constante por torna-se parte. Não há alento ao fim da narrativa, o escritor-personagem não deixa de ser um outsider onde quer que esteja.

O filho da mãe: degradação e vulnerabilidade em São Petersburgo

Em *O filho da mãe* (2009) podemos identificar diversas personagens outsiders, o que é comum nas narrativas de Bernardo Carvalho, mas manteremos nosso foco sobre Ruslan e Andrei. Ruslan é um estudante de medicina tchetcheno que vai para São Petersburgo fugindo da guerra, quando chega à cidade russa trabalha na sua reconstrução durante o dia e à noite furta carteiras de turistas desprevenidos com a esperança de um dia conseguir roubar um passaporte estrangeiro; Andrei é de Vladivostok e está em São Petersburgo para servir ao exército, mas torna-se um desertor quando Ruslan furta-lhe o dinheiro obtido através da prestação de serviços sexuais.

Ao contrário de outras personagens da literatura contemporânea que sofrem com a sensação de não pertencimento estando fora de seu país, Ruslan e Andrei, apesar de migrarem de uma República que busca a sua independência e do extremo oriente da Rússia, respectivamente, não se encontram separados de sua nação de origem, são personagens apátridas, que não se sentem parte da sociedade à qual deveriam pertencer. São Petersburgo é a cidade opressora e inóspita para ambos, praticamente um “território inimigo” (Carvalho, 2009, p. 132).

Numa narrativa que tem como pano de fundo uma guerra, a Segunda Guerra da Tchetchênia, essas personagens têm motivos suficientes para temê-la e tentar evitá-la a

qualquer. A guerra acrescenta uma atmosfera de destruição e apreensão constante a narrativa, bem como, torna incerta e perigosa a permanência de Ruslan e Andrei em São Petersburgo. Segundo lemos: “A Guerra os assombra. Como recordação para o ladrão, que precisa fugir do passado, e como ameaça para o recruta que tenta evitar o futuro” (id., p.139).

O sentimento de orfandade, ou ainda, de terem sido renegados pelas próprias mães é também compartilhado por ambos. Ruslan fora abandonado pela mãe dois meses após o seu nascimento, e quando este, já adulto, a procura é renegado novamente. Já Andrei sente-se abandonado por sua mãe, a partir do momento em que deve se apresentar ao exército, por imposição do padrasto, e essa prefere não se opor à vontade do segundo marido.

Se a omissão caracteriza as mães dessas personagens, a figura paterna está diretamente ligada à ausência. Haja vista que o pai de Ruslan está morto, enquanto, Alexandre Guerra, pai de Andrei, retornara ao Brasil, seu país de origem, há mais de uma década, período no qual manteve contato esporádico com o filho.

Outro fator que decisivamente contribui para a inadequação de Ruslan e Andrei é, sem dúvidas, a questão da sexualidade. Pois, estão inseridos numa sociedade onde a heterossexualidade é “compulsória” (Butler, 2008, p. 168), que afirma não existir homossexuais em seu território, de modo que esses se tornam invisíveis. Assim, ao manifestarem uma sexualidade destoante da maioria eles encontram no seu próprio desejo outro elemento que serve para acentuar ainda mais a sua exclusão.

Devemos observar que se por um lado, as características e circunstâncias destacadas até aqui servem para acentuar a inadequação e aumentar a solidão e a vulnerabilidade de Ruslan e Andrei, por outro lado possibilita o reconhecimento desde a primeira vez em que eles se veem. O que resulta num fugaz envolvimento afetivo entre as personagens.

Conclusão

Personagens à deriva, que manifestam sentimentos como a solidão, o desamparo, e a inadequação, que ocupam bairros periféricos e adentram no mundo da marginalidade ocupam espaços centrais tanto em *Lorde*, quanto em *O filho da mãe*.

Além destes, outros temas semelhantes são abordados por Noll e Carvalho. O primeiro deles é a relação não idealizada daquelas personagens com os seus locais de origem, tanto o escritor-personagem, quanto os jovens que se encontram em São Petersburgo manifestam o desejo de evadir-se da nação a qual deveriam pertencer. Logo,

os deslocamentos observados não são turísticos e essas personagens aproximam-se daqueles que se deslocam sem paragem, que Bauman (1998) classifica como “vagabundos”,⁴ pois, enquanto “os turistas se movem porque acham o mundo *atrativo*, os vagabundos se movem porque acham o mundo insuportavelmente *inóspito*” (Bauman, 1998, p. 118).

Para essas personagens não há um “lar” para o qual voltar ou onde permanecer com segurança. A transitoriedade e incerteza quanto ao futuro é evidenciada também pelos locais que habitam. Pois, ocupam lugares ou “não-lugares”, segundo o conceito de Marc Augé (2005), onde a permanência é invariavelmente temporária.

O trânsito contínuo do escritor-personagem em *Lorde* e os deslocamentos pelas cidades russas das personagens de *O filho da mãe* nos permitem observar, também, como o espaço urbano recriado pelos autores é a cidade global. Tanto Porto Alegre, quanto Londres, Liverpool, São Petersburgo ou Moscou apresentam espaços e problemas semelhantes, como os bairros periféricos onde se alocam imigrantes e pessoas de baixa renda; os pontos turísticos típicos de uma metrópole que dividem espaço com a degradação; as áreas centrais movimentadas e efervescentes durante o dia, mas que à noite são tomados por excluídos e marginais; e até mesmo os seus McDonalds.⁵ Assim, o espaço urbano globalizado, que encontramos nas narrativas analisadas apresenta-se reconfigurado, pelo que Silviano Santiago (2004) define como “cosmopolitismo do pobre”. Que segundo ele, é:

uma nova e até então desconhecida forma de *desigualdade social*, que não pode ser compreendida no âmbito legal de um único estado nação, nem pelas relações oficiais entre governos nacionais, já que a razão econômica que convoca os novos pobres para a metrópole pós-moderna é transnacional (Santiago, 2004, p.51).

Apesar do deslocamento constante e do desejo de fuga, que ressaltamos até o momento, podemos notar em ambas as narrativas que tanto o escritor, quanto Ruslan e Andrei manifestam, em algum momento, o desejo de fixar-se a algum lugar, mas, sobretudo, a alguém.

⁴ No original, “vagabond”; que segundo o *Collins Cobuild dictionary* é alguém que perambula de um lugar a outro sem ter casa ou emprego [tradução minha].

⁵ Refiro-me, particularmente, a um episódio de *O filho da mãe*, no qual o encontro entre Marina, uma das mães do Comitê das mães dos soldados, e Olga, mãe de Andrei, acontece num McDonald’s de Moscou.

Porém, ao mesmo tempo em que manifestam o anseio pelo relacionar-se, pela “segurança do convívio e pela mão amiga” (Bauman, 2004, p. 8), por outro lado, relutam em estabelecer um forte vínculo afetivo, e quando o fazem tal vínculo é frouxamente atado, pois pode ser (e acaba sendo) rapidamente desfeito. Os relacionamentos são fugazes, como aqueles típicos da contemporaneidade. Assim, o envolvimento do escritor-personagem com o George, em *Lorde*, não dura mais que uma noite. E o envolvimento de Ruslan e Andrei não dura sequer duas semanas. Ressaltamos, ainda, que o fim da relação afetiva entre Ruslan e Andrei deve-se ao fato de Marina, uma das mães do Comitê das Mães dos Soldados, conseguir o passaporte de Andrei; logo o marco da ruptura é um símbolo material da facilidade de deslocamento em nossos dias.

Por fim, podemos observar que apesar da “multiplicidade” que, segundo Beatriz Resende (2008), caracteriza a literatura brasileira contemporânea, o que permite a existência não excludente de obras literárias heterogêneas com diferentes convicções sobre a literatura e o fazer literário, ainda é possível estabelecermos relações entre autores que, apesar de não fazerem parte de um projeto literário coletivo, aproximam-se, sobretudo, por suas escolhas temáticas.

É o que procuramos fazer ao recorrermos ao termo “outsider”, no intuito de ressaltar os personagens desajustados e marginalizados, que empreendem a busca por encontrar um lugar ao qual se sintam parte integrante, que vêm ocupando os espaços centrais das narrativas de J. G. Noll e de Bernardo Carvalho nos últimos anos. Afinal, além de *Lorde* e *O filho da mãe*, personagens com características semelhantes aquelas que procuramos destacar estão presentes em outras narrativas dos autores, como *Berkeley em Bellagio* (2002) e *Hotel Atlântico* (2004), de Noll; e em *Mongólia* (2003) e *O sol se põe em São Paulo* (2007), de Carvalho.

Referências

AUGÉ, Marc (2005). **Não lugares**: introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90 Graus Editora.

BAUMAN, Zygmunt (2004). **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1998). **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BECKER, Howard Saul (2008). **Outsiders**: estudo de sociologia do desvio. Trad. Maria Luiza X. de Borges. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUTLER, Judith (2008). **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CARVALHO, Bernardo (2009). **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. **Blog do Bernardo Carvalho** - Projeto “Amores expressos”. Disponível em: <http://blogdobernardocarvalho.blogspot.com/>. Acesso em: 10 mai. 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L (2000). **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

NOLL, João Gilberto (2004). **Lorde**. São Paulo: Francis.

RESENDE, Beatriz (2008). **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional.

SANTIAGO, Silviano (2004). **Cosmopolitismo dos pobres**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. DALCASTAGNÈ, Regina (2008) (org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, p. 57-77.

_____. (2009). **Ficção brasileira contemporânea**. Coleção Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.